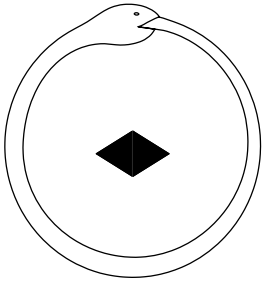


O NOSSO CORPO É  
O NOSSO CHÃO  
Sandra Benites  
Corpo-Território 1



cadernos  
SELVAGEM



## O NOSSO CORPO É O NOSSO CHÃO

### CORPO-TERRITÓRIO 1

Sandra Benites

*“Corpo-território” é uma série de Cadernos Selvagem.*

*Fruto de um curso oferecido de forma online pela plataforma “Papo de Bruxa”, que convidou a curadora*

*Sandra Benites Guarani Nhandewa para se reunir com as mulheres inscritas durante quatro domingos em novembro de 2020.*

*Cada um dos cadernos corresponde a um dos encontros, seguindo a ordem dos acontecimentos.*

*Este primeiro Caderno é a transcrição da aula 1, “O nosso corpo é o nosso chão”.*

O encontro, a riqueza do encontro de diversos corpos, é exatamente a gente se conectar e se equilibrar na percepção, na diferença, nas trajetórias, na sua origem diferente, na forma de produzir seu próprio corpo. Quanto mais a gente identificar de onde somos, conseguimos enxergar e interagir mais fácil com vários outros, embora muitas vezes isso nos cause dores também. Principalmente para as mulheres negras e mulheres indígenas. Não estou dizendo que as mulheres não indígenas, as mulheres brancas, não sintam dores, mas eu vou falar apenas como que é próprio dessas mulheres, não estou julgando as mulheres não indígenas, as mulheres não negras, não, porque isso já foi imposto desde milênios. Já foram colocados nesses corpos e muitas das vezes a própria mente não tem como reagir. *A reação parece que é uma reação que não tem uma reação.* E nós, mulheres indígenas e mulheres negras, temos mais reação por conta dessa questão, porque sabemos do lugar.

## Nhanderu e Nhandesy

Primeira coisa, eu vou contar uma história de nós, mulheres *Guarani*, e não estou dizendo que é a nossa narrativa, porque o que é uma narrativa? Quando comecei a caminhar, eu escutava muito a narrativa que a minha avó contava. E ela tinha uma forma de contar para os meninos e para as meninas. Essa narrativa que ela contava, somente ela que contava. E hoje eu pude entender o porquê que só ela contava dessa forma. Porque ela relaciona com a questão da trajetória dela, da forma do cuidado que ela tinha com as mulheres. Ela vai criando, construindo uma outra forma de sistema, de olhar sobre as mulheres, sobre as crianças, especificamente sobre as mulheres. Por quê? Porque ela era parteira e ela contava essa história dela.

Hoje eu pude entender por que ela contava dessa maneira para essas crianças, para esses jovens, para as meninas e para os meninos, essa versão da história. Lembro uma vez, quando ela começou a contar a história, escorriam lágrimas no rosto dela. Às vezes chegava um momento em que ela cantava. Aí ela falava assim: “Ah, isso aqui é pra me fortalecer, pra me cantar. Porque todas nós, mulheres, temos o nosso canto, nós somos a dona da voz”. Ela falava muito isso: “Nós somos a dona da voz”. Porque diz que nós somos a dona do grito. E aí eu perguntava por que ela falava ‘dona da voz’? Porque nós temos o nosso canto, e ele é como um canto do pássaro. A gente tem o nosso dom de cantar e de gritar. O canto e o choro e a própria mente, a fala também, às vezes, é um grito. A própria forma dela contar essa história também é um grito.

Para nós, *Guarani*, há diferentes maneiras de contar essa narrativa, a mesma narrativa. O que a minha avó contava dizia o seguinte: dizem que antes não existia o ser humano. Seria o mundo. Existiam lugares. Seria a terra e o céu, que a gente fala *ywaté*. *Ywaté* é o céu. Ela contava essa história pra gente – ela contava muito essa história. E ela dizia que só existia escuridão, aqui na terra e no céu. Eu vou bem resumir, porque se a gente for contar essa história, às vezes demora dois dias, três dias pra contar. Segundo ela, a terra era oca, como se fosse oca, e o céu era apenas uma escuridão, antes de surgir o mundo. O mundo pra gente é

o próprio nós, nosso próprio corpo, nós seres humanos e não humanos também, coisas que existem na terra. Ela dizia que o homem existia, era o *Nhanderu*, que é o *Nhanderu Ete*, que seria um ser espírito.

Esse *Nhanderu* podia criar, gerar uma figura masculina parecida com ele para vir morar na Terra. Para habitar a Terra. E diz que o *Nhanderu* olhou e enxergou a *Nhandesy*. A *Nhandesy* é o próprio chão. E a *Nhandesy* era muito bela, era muito incrível e o *Nhanderu* se encantou por ela. *Nhanderu*, em vez de criar outro homem, ele mesmo se tornou aquela figura masculina para vir aqui morar com a *Nhandesy*. *Nhandesy* é *ywy pygua*, a gente entende que *Nhandesy* é *ywy pygua*, que é o próprio chão, e o *ywate gua* seria o de cima, e o *Nhanderu* veio, começou a morar na Terra e começaram se encantar um pelo outro. Assim foram se criando as coisas, o *Nhanderu* foi plantando coisas pra *Nhandesy* colher. Nisso eles tiveram filhos, eles começaram a se encantar um pelo outro e a *Nhandesy* engravidou das crianças, que são a Lua e o Sol.

Um belo dia, *Nhanderu* chegou e avisou a *Nhandesy* que ele tinha plantado todas as coisas, seres, aquilo que é para alimentar as crianças de *Nhandesy*. E aí diz que a *Nhandesy* falou: “Ué, mas como é que você plantou ontem e você já disse que está tudo pronto para alimentar nós?”. Aí diz que o *Nhanderu* ficou chateado com isso, não respondeu a *Nhandesy* e quando *Nhandesy* questionou isso, o *Nhanderu* falou assim: “Olha, eu vou voltar para o meu *ambá*”, que é um lugar sagrado, onde existe o *nhe'en*, que a gente fala do espírito, de onde ele veio, que seria a origem dele, que seria o *ywy*. Diz que ele voltou pra lá e a *Nhandesy* ficou. Só que a *Nhandesy* não aceitou isso e ela falou: “Não, eu não posso ficar aqui com as crianças. Como é que eu vou ficar com as crianças sozinha?”. E o *Nhanderu* falou: “Não, eu vou te ajudar, eu vou cuidar de vocês lá de cima”. *Nhandesy* disse: “Não, eu não posso ficar com as crianças”.

A *Nhandesy* ficou muito triste e mesmo assim o *Nhanderu* foi. Aí começaram as crianças a falar, na barriga dela. Na verdade, ainda nem eram nascidas as crianças. Foram as crianças que levaram a *Nhandesy* atrás do *Nhanderu*, quando ele foi embora. E diz que a *Nhandesy* caminhou, caminhou muito tempo, quando chegou, ela já estava exausta,

muito cansada. E diz que chegou num momento que tinham várias flores, e as crianças começaram a pedir as coisas pra ela. Falar pra ela: “Olha, colhe isso pra mim, colhe aquilo pra mim”. Na verdade, as crianças fizeram esse combinado, que a mãe faria todos os desejos deles, para eles mostrarem o caminho para *Nhandesy* ir atrás de *Nhanderu*. E aí *Nhandesy* foi, e chegou nesse momento com os *Nhanderu mirim*, que a gente fala que são as crianças.

A *Nhandesy* estava muito cansada e foi colher flores e várias outras coisas que eram o desejo das crianças, que estavam pedindo pra ela. Nisso ela foi ferroadada pelo *mamangava*<sup>1</sup> na mão dela. E como ela já estava muito exausta, ela disse: “Olha, como é que vocês ainda não nasceram e já começaram a pedir várias coisas pra mim?”. E ela ficou revoltada e começou a ficar triste, chorar muito, e aí diz que as crianças se calaram, não falavam mais com *Nhandesy*. Ela já estava muito exausta e pegou qualquer caminho que encontrou, e chegou num caminho encruzilhada, pegou o caminho que achava que deveria pegar. E aí ela chegou na *tawa* das onças. Como ela estava grávida, ela foi sentida pelo cheiro das crianças e foi praticamente devorada pelas onças. As onças devoraram ela. Só que as crianças, os fetos, foram criados pelas onças. Pela *djaryi* das onças, que é a avó das onças. Os meninos cresceram órfãos, mas não sabiam que a *djaryi* não era a mãe verdadeira. Aí eles descobriram que ela não era a mãe verdadeira e depois tem várias outras explicações do que eles fizeram – tentaram matar todas as onças, mas eles não conseguiram.

\*

O primeiro ponto que eu queria destacar é que a minha avó contava essa história e dizia pros meninos: “A *Nhandesy* deu a vida e, mesmo cansada, ela lutou para salvar três homens”. Porque, na nossa cabeça, no nosso entendimento, o *Nhanderu* é a figura masculina e duas crianças, que eram o *Kwarahy* e o *Dyasy*, que seriam o sol e a lua, também são meninos, na nossa crença. E ela contava essa história como se acontecesse agora. Uma outra coisa é importante pensar: o *Nhanderu* é de *ywate gua*, ele é de cima. Então, ele não sabe o que é chão. Ele sabe

---

1. Um tipo de vespa, também chamada de zangão ou abelhão

plantar. Ele plantou, nasceram várias coisas. Mas, a *Nhandesy* também não sabia, porque ela estava ali, ela é chão. O próprio corpo foi colocando as coisas, todas as coisas, todos os seres, humanos e não humanos, o que pode se alimentar do seu próprio corpo. Claro que, no começo, sempre há um estranhamento, a gente não sabe como é que a gente vai agir com essa situação. É claro que, muitas vezes, existe esse desencontro do outro, porque cada um tem a sua forma de olhar e sua forma de agir, sua forma de entendimento, a partir da sua própria origem, do seu próprio corpo, a partir do seu próprio caminhar. Eu queria só destacar essa questão mais ancestral. E isso era contado por mulheres.

Eu não estou dizendo que para nós, *Guarani*, não existe gênero. O gênero não vem pronto. *Kyrin* significa ser pequeno. De acordo com o crescimento, com o desenvolvimento da criança, vai construindo o seu ser menino, ser menina. E isso é uma relação com o seu próprio corpo, que vai identificando o que é ser menino e o que é ser menina. Por exemplo: para nós, *Guarani*, ser menina tem que saber cuidar do seu corpo, do seu próprio ciclo de sangue, porque isso é muito importante, a minha avó falava. Porque a nossa saúde, o bem-estar, está no período menstrual das mulheres. E isso é que vai deixar harmoniosamente o nosso corpo, o ciclo menstrual. Por isso que a gente respeita muito o nosso ciclo menstrual. As mulheres, quando param de menstruar, elas têm mais autonomia de circular em todos os lugares. Quando a gente menstrua, a gente tem determinada alimentação, que restringe determinados alimentos, até mesmo para você sair no sol quente ou no frio, onde venta muito, a gente não pode carregar muito peso, a gente não pode subir na árvore.

E com os meninos é o contrário, eles vão com o movimento do próprio corpo. Vão aprender a caçar, aprender a plantar, aprender a fazer várias outras coisas que estão muito em movimento. Sempre em movimento. As mulheres também, quando menstruam e param de menstruar, também têm isso. Ou aquelas que não têm filhos, por exemplo, também têm autonomia de estar onde quiserem estar. Elas têm autonomia. Não que a gente que tem filho não tenha. Por quê? Porque nós temos o cuidado com o nosso corpo e as crianças, então isso requer diferentes lugares pra gente ter essa harmonia com o nosso próprio corpo.

Voltando à questão da caminhada da *Nhandesy*. Caminhada é um processo para nós. E essa caminhada são várias trajetórias. E essa caminhada também tem origem diferente, só que, para nós, *Guarani*, a minha avó dizia o seguinte: “Nós, mulheres, somos as mesmas, somos um corpo só”. Por isso que eu digo o seguinte: muitas das vezes eu me vejo em algum lugar, como todas as mulheres, independente da origem, da etnia, eu me encontro. Não encontro quando é algo que vem de fora, que é imposto para nós, mulheres. No caso, por exemplo, na cidade, as mulheres têm dificuldade de existir com o seu próprio corpo enquanto mulheres, enquanto mulheres que sangram, enquanto mulheres que têm filhos.

Então, você nega totalmente o seu próprio corpo, você entra no sistema que foi direcionado só para um corpo masculino. No caso, vários sistemas: escola, universidade e ‘n’ outras coisas que a gente sabe que enfrentamos. Esse processo, que vai dizer pra você quem é você, na verdade, é um processo – não é uma coisa que nasce pronta ou que, por alguma razão, a gente é aquilo. É um processo, e a gente chama de *guatá*, de caminhada. E aí, falando sobre o que a gente chama de *tekó*. O que é *tekó*?<sup>2</sup> *Tekó* é como se fosse esse corpo que a gente carrega, o corpo, a carne, é a terra ou a base do nosso espírito. O espírito não tem cor, etnia, gênero. É esse processo que a gente vai produzindo de acordo com a nossa experiência. Mesmo que a gente caminhe, sempre vem um outro que coloca limitações no nosso corpo, para dizer o que a gente quer, o que a gente tem que fazer e qual passo a gente tem que dar para seguir adiante. Por isso que é muito importante, como a minha avó dizia, saber como foi o passo da *Nhandesy*.

Ela não sabia falar português, ela não falava, ela não lia, mas ela sempre questionava isso. Ela falava: “Olha, a gente tem que se respeitar. Eu sou a *Nhandesy*, eu sou o chão que vocês pisam”. Vocês (nós

---

2. O *tekó* é o nosso modo de ser, o nosso modo de ver o mundo e o nosso modo de estar no mundo. Isso depende de cada forma, de cada um também, de cada trajetória. Existe o *tekó* dos homens, existe o *tekó* das mulheres, *tekó* dos *txe adjaryi* – dos nossos avós –, *tekó* das crianças. *Tekó* é um pouco de individualidade, caminho de cada pessoa. O *tekoha* já é o lugar onde a gente constrói o nosso modo de ser, coletivamente. Onde existem mais pessoas, diferentes corpos, diferentes *tekós*. Mais ou menos isso que é o *tekó*.

mulheres), por isso, têm que saber o que é fronteira<sup>3</sup>. A sua fronteira é um determinado momento e essa fronteira vai controlando esse equilíbrio de harmonia, mesmo sendo lugar diferente. Eu não estou dizendo que a gente vive harmoniosamente. Não, a gente sempre vive em conflito, claro, por não saber. Porque são corpos diferentes, são passos diferentes e de um lugar diferente, e isso que vai respeitando o outro. Mas para equilibrar esse corpo na sua diversidade, não é que todo mundo tem que se tornar a mesma coisa; pelo contrário, se equilibra em vários e, mesmo sendo vários corpos, a gente chama de equilíbrio. Tanto é que, na nossa língua Guarani, não existe equilíbrio, existe desequilíbrio<sup>4</sup>.

3. Fronteira que eu digo é a partir do meu entendimento. Eu não estou falando que isso é certo ou uma única verdade. A gente pode encontrar nossas fronteiras tanto nas diferenças, ou, às vezes, até em nós mesmos. O que é a fronteira e até onde a gente pode? E muitas das vezes, nesse sistema que decepa o nosso corpo, eu tive que passar minha fronteira, desrespeitar minha própria crença, meu próprio corpo, para eu poder acompanhar esse sistema. Eu fui professora e, mesmo menstruando, eu tinha que ir – no meu costume, na menstruação tenho que ficar de resguardo –, não é porque eu quero, mas porque eu tive que seguir.

Essa fronteira pode estar pra gente mesmo, nesse sentido, ou também pode ser para você entender o outro. Até onde você pode ir, o que é a fronteira do outro, essa diferença, essa trajetória de cada um, tem uma forma de contribuir um com o outro. Fazer esse encontro é necessário. Para você entender a fronteira do outro é necessário escutar o outro, a experiência. Por isso que eu falo da trajetória, da experiência. Independente do lugar, você precisa escutar o outro. E eu acho que essa é a riqueza do encontro, do compartilhamento, pra gente se equilibrar. Entender a fronteira do outro e também entender nossa própria fronteira. Muitas vezes você pode ultrapassar, mas aí você entende porque ultrapassou e questiona a partir disso. Eu questiono muitas vezes. Eu tive que ultrapassar a minha fronteira enquanto mulher, enquanto mulher Guarani – tenho a minha crença, mas eu não podia me permitir seguir esse meu sistema enquanto Guarani, por conta do sistema em que eu era funcionária – . As mães que estudam, que fazem faculdade – já conheci algumas delas, inclusive mulheres indígenas – elas não têm um lugar para deixar os filhos para estudar. Elas ultrapassam também a própria fronteira. Se você sabe que está ultrapassando sua fronteira, você precisa questionar. E precisa escutar o outro, pra você entender o que é a fronteira do outro.

4. É, na verdade, na nossa língua, não existe equilíbrio, a palavra equilíbrio; existe desequilíbrio, *djoawy*. Então por isso que, pra nós, não existe ser perfeito, ou, que seja, o mundo não é perfeito. Como, às vezes, você escuta aqui a história em outros conhecimentos, como se existisse o Deus perfeito ou outras crenças, que é perfeito. Para nós não existe essa perfeição. Existe a não perfeição. A partir dela que a gente vai montando a nossa caminhada, digamos assim. Por isso que eu falei que não existe equilíbrio na nossa palavra, mas existe desequilíbrio. Então, o mundo se construiu a partir do desequilíbrio, dos encontros. Por isso que a gente tem que reverter ao começar a falar sobre equilíbrio. A gente faz essa trajetória com tentativa de equilibrar, mas assim, buscando conhecer, buscando interagir com o outro e escutar o outro e assim por diante.



No nosso entendimento, o mundo já surgiu a partir do desequilíbrio. Então, a gente tenta equilibrar. Por isso a gente sempre busca a escuta, o entendimento. É por isso que eu falo assim, muitas das vezes é doloroso você trabalhar em equipe. Eu acho que trabalhar em equipe, coletivo, não significa que todo mundo pense igual, ou seja, todo mundo faz a mesma coisa. Pelo contrário, por isso que é o desafio, é pra gente se escutar. Por isso que eu falei que esses encontros que a gente faz são muito importantes.

Então, como é que a gente vai processar esse nosso próprio corpo? Esse corpo que cada um carrega – não se culpe por aquilo que você é, porque esse corpo que você carrega são várias coisas que foram impostas durante o seu caminho. E aí você tem que, muitas das vezes, quando a gente chega num caminho, numa encruzilhada, quando a gente está muito cansada, a gente pega qualquer caminho. E é aí onde a gente, simbolicamente, nós mulheres, somos mortas. Na nossa língua existe *nhemyrõ*, quer dizer, *desencantar o equilíbrio do nosso caminho*. Nesses caminhos que, às vezes, a gente se desencontra com nós mesmas.

Por isso que é importante a gente se juntar com outras, pra gente se entender. Na verdade, não é pra eu pensar igual à outra, e sim me fortalecer naquilo que eu sou e saber o que é importante pra outra. E a gente se junta. E eu sempre costumo falar enquanto mulher, enquanto indígena, enquanto negro, a gente tem essas coisas que a gente, enquanto comum, peças em comum, podem encaixar com todos, mas sem deixar de ser aquilo que é a nossa origem, nossa casa. Tem coisas que são importantes pra gente e isso a gente tem que levar adiante.

Como eu falei no começo, fronteira é exatamente aquilo que é pra você entender o que é o outro. Mas essa fronteira é exatamente a diferença do outro, uma caminhada diferente. Essa é a fronteira. Por isso é importante a gente entender o corpo-espaco do outro. O que é o outro? O que é o corpo do outro? Não é o corpo, não estou olhando só o corpo, estou falando do espírito, da trajetória, da forma que foi formado, digamos assim. Como se fosse o nosso corpo. Como é que foi com o nosso corpo? Qual caminho que o nosso corpo seguiu, percorreu? E entendendo que nós somos mulheres, independente da origem na qual a gente acredita. A minha avó falava para os homens que todas as mulheres são

mães. Todas as mulheres são mães de vocês, todas as mulheres são irmãs de vocês e todas as mulheres serão mães de vocês. E aí, minha avó falava que o nosso corpo é o chão. Por isso que muitas das vezes, alguns estão um pouco fragilizados – muita coisa que está acontecendo com nós, indígenas – de tanta colonização que percorreu na nossa caminhada. Estou falando de quem conheço, a maioria *Guarani*.

A partir da narrativa da *Nhandesy Ete*, os homens aprendem a pisar no chão. Tem uma dança que ensina os homens a pisar no chão. Eles têm que pedir *idjara*, que a gente fala que é o espírito da natureza. Por exemplo: quando eles vão caçar, quando vão pescar, vão buscar alguma árvore para construir uma casa, ou vão roçar, eles sempre fazem o ritual de pedir *idjara*, quer dizer, para o espírito da natureza, porque eles vão pegar aquela árvore, ou o que eles vão roçar. Então, eles estão pedindo para o espírito da natureza, pedindo para o espírito da *Nhandesy* uma licença para retirar determinados elementos da mata, do rio, da roça, porque eles sabem que o chão é o próprio corpo da *Nhandesy*. Por isso que eu sempre chamo isso de nosso chão. Na verdade, o corpo é o próprio chão, de todos nós. Esse processo, que, muitas das vezes, não é ensinado fora do espaço onde não existe. Por exemplo: quem ensina são as mulheres mais velhas, elas que ensinam as mulheres. As mulheres mais velhas que ensinam os meninos sobre essa história, sobre esse conhecimento.

Fazendo essa relação, por exemplo, a partir do momento em que as crianças se separam desse conhecimento (em outro espaço que não o *Guarani*), elas não escutam mais a história da *Nhandesy*. Quem é que vai contar? Ninguém conta. E aí vão crescendo, ouvindo, dizendo assim: é o *Nhanderu*. E hoje eu percebo que alguns lugares falam como se existisse só *Nhanderu*. *Nhanderu* quer dizer o nosso Deus, é o *Nhanderu Ete*, que é o nosso Pai verdadeiro, que é o *ywate gua*, que é de cima. Hoje, eu percebo que a própria *Nhandesy* está meio esquecida. Não é que ela seja tão esquecida, a história é contada ainda, mas ela não é mais central na história, mas sim o *Nhanderu*. E percebo como que a história, a narrativa, contada por outro, ou seja, a não ser por nós mesmos, influencia e tem poder. Essa questão da narrativa, essa narrativa, ela não é contada só por uma única pessoa, outra versão. Não, são várias versões, dependendo de quem está contando, para quem está contando e para quê está

contando. E por isso que essa questão da oralidade é muito importante para a gente. E as mulheres, geralmente, elas questionam isso. Falam assim: “Olha, por que o *Nhanderu* deixou a *Nhandesy*?”.

Eu escutava a minha avó, ela falava assim: “Por isso que os homens têm que fazer assim, assim, assado. Por quê? Porque, no passado, o *Nhanderu* abandonou *Nhandesy*”. Ela falava também: “Se um homem levantar um dedo no rosto de uma mulher, na frente de uma mulher ou gritar ou falar alto para uma mulher, está matando sete mulheres”. Eu lembro que essas mulheres que morrem são várias, são mulheres que eles podem matar e que isso pode levar tragédia para eles, porque eles podem ficar sem chão. Claro que um complementa o outro, porque o *Nhanderu* é o vento, é o ar, é o *ywate gua*, não é aquilo que a gente enxerga, ou que a gente pega. Mas é uma coisa que é o nosso próprio respiro. Então, quer dizer, os corpos masculinos e femininos devem estar sempre juntos, em equilíbrio um com o outro, um complementa o outro. Embora o nosso respiro representa o espírito do *Nhanderu*, e o nosso corpo, que é chão, é *Nhandesy*, uma coisa sempre tem que estar equilibrada para que exista essa harmonia – embora sejam lugares diferentes. O *ywy pygua*, que é a Terra, e o *ywate gua*, que é de cima, mas um depende do outro para haver esse equilíbrio.

Então, eu falei que a minha avó falava pros homens, pros meninos, de quando as mulheres começam a ser perturbadas. Vocês falam que as mulheres nunca podem gritar. Ela falava: “Vocês não podem dizer que as mulheres são doidas. Porque, às vezes, elas falam assim [se referindo ao gritar]”. Nós temos esse momento de loucura, de rir. Às vezes, alguns meninos chegavam e falavam isso, e a minha avó sempre dizia para os meninos: “Vocês não podem chamar ela de doida ou de outra palavra que a ofenda. A mulher, se ela está sendo chamada de doida ou está ficando enlouquecida, é porque vocês a enlouqueceram, porque a gente não enlouquece, a gente entende”. Aí ela contava essa história da caminhada da *Nhandesy*, Quando ela foi e se entregou para a morte, na verdade, era porque ela já estava exausta, ela estava carregando os filhos sozinha, estava se sentindo sozinha, abandonada.

Às vezes eu me emociono também quando eu conto isso, e ela se emocionava quando ela contava isso. Então, os meninos ficavam assim,

passados, olhando para mim, olhando para outras. Quando a gente não é recebida enquanto mulher, em qualquer outro sistema, nós somos mortas, quer dizer, simbolicamente a gente é morta, porque a gente é vista como estranha, como coisa ruim. Porque ninguém recebe a gente. Hoje você chega menstruada, quando você chega e não está bem, especialmente, nos órgãos, seja lá o que você é, [dizem] que você está estressada, que está maluca<sup>5</sup>. Eu já escutei gente falando isso. Quando a gente não é respeitada da forma que somos, simbolicamente, a gente é morta. Temos que nos preocupar em trazer as mulheres da forma que elas são, em qualquer espaço; mulheres são excluídas, como se tivessem apenas um outro corpo e não é o da forma dela mesma. Quer dizer, cada uma tem que se sentir bem no espaço que elas estão, da forma que ela é, não importa como, mas é importante cada uma se sentir bem, se sentir bem amparada nos espaços onde circula.

Hoje, por vários processos da colonização, eu percebo, a partir também da minha pesquisa, que se fala mais em homem entrevistan-

---

5. A questão do ciclo menstrual para as mulheres, para nós *Guarani*, é muito importante, porque é o ciclo menstrual que vai determinar o nosso sentimento. O que é sentimento? A gente fala do *py'á*. Muitas vezes eu mesma fiz essa confusão, mas hoje eu pude entender melhor, o que é *py'á*. *Py'á*, pra gente, é sentimento. É como se fosse a base do sentimento, que tem a ver com pensar, com cabeça. O nosso sangue, segundo a minha avó, minha mãe, falavam que o nosso sangue pode subir na nossa cabeça. Quando o nosso sangue sobe na nossa cabeça, pode fazer mal pra gente. Geralmente, as mulheres têm queda de cabelo, esquecimento, estresse e, muitas vezes, a própria depressão. Com 30 anos você já vai ter esse problema se não respeitar o sangue. Por quê? Porque o sangue tem a ver com o feto dos nossos filhos. Quer dizer, como eu entendo, assim, que nós mulheres damos a vida e a morte também. Somos vida e morte. E o que é fundamental dessa vida e dessa morte é o nosso próprio sangue. E o sangue é o que controla o nosso emocional também, segundo a minha avó falava. Por isso que a gente precisa cuidar muito bem do nosso corpo. E essa história contada, na verdade, é uma narrativa que elas contam para explicar essa nossa vida, enquanto feminina e masculina, o que é que cada um tem que respeitar no ciclo. E os homens também têm sangue quente, como se fosse menstruação dos homens, só que é todos os dias. Não é igual nós, que é por mês. Dizem que homens também sangram. Só que eles não sangram do seu próprio corpo, segundo eles falavam. Minha avó falava que o sangue quente dos homens é mais perigoso do que o das mulheres, porque eles não jorram para fora. Por isso que o ritmo de dança e também o movimento de ritual para os homens é muito rígido, e é diferente do movimento das meninas. As meninas, quando estão menstruadas, ficam no silêncio e os homens continuam fazendo atividade, muitas vezes é muito puxado, que mexe com o emocional deles também.

do outro homem. Vários trabalhos, artigos que saíram, sempre falam como genérico, dos *Guarani* em geral, mas em determinado momento se fala mais do *Nhanderu* do que *Nhandesy*. E aí, hoje, percebo que o próprio jovem, a juventude, também fala mais do *Nhanderu* do que *Nhandesy*. E parece que a *Nhandesy*, ela não é mais central. Isso traz uma preocupação clara pra gente, porque, como a narrativa tem o seu poder, é importante que a gente traga, de novo, a *Nhandesy* como centro da narrativa. Claro que o *Nhanderu* também faz parte, mas tem que trazer a parte da voz das mulheres e da forma que elas entendem e não como foi contada por uma única versão.

*Nhanderu* não criou *Nhandesy*. *Nhandesy* já é a própria Terra. A gente entende o *Nhanderu* de *ywate gua*, de cima. E *Nhandesy*, que é o chão. São lugares diferentes. Só que, a partir do momento que se juntou, cada um tinha um corpo. Por exemplo: a gente entende que o respiro, o *pytu*, a nossa respiração, vem do ar. Do ar, quer dizer, representa o corpo masculino. O *Nhanderu* voltou para o *ambá*, no lugar de origem – ele certamente não se adaptou muito fácil na Terra, ele teve que voltar para o *ambá*.

Porque essa história, quando é contada por homens, eles contam a partir da perspectiva deles, da forma deles de entender o seu próprio corpo. E quando uma mulher conta, ela conta a partir da sua própria trajetória e da forma que elas entendem o seu próprio corpo. Por exemplo: geralmente, os homens não vão falar dos ciclos de sangue. Eles vão falar, vão contar como é que o *Nhanderu* fez o caminho, o que ele plantou, vai narrando esse processo do *Nhanderu*, o que ele fez, o que ele criou. Mas a parte das mulheres, o que a mulher caminhou, que ela se perdeu no caminho, geralmente eles não contam isso. E quem conta essa parte são elas, as mulheres. As mulheres que vão contar. Mas isso não significa que eles estão em conflito entre eles – isso é assim mesmo, do próprio costume das mulheres contarem e os homens contarem. Quando eles faziam grandes fogueiras pra ensinar, pra contar essa história pras crianças, sempre há uma *txe adjaryi*, que é uma senhora, que é uma anciã, e o *txe ramõi*, que é um ancião. Eles vão complementando o que o outro não conta. Por isso que é importante a voz e a escuta dos dois. E quando me deparei com a Academia, eu fiz leitura e só encontrei a partir da voz

masculina, e não pela voz feminina. Então, quer dizer, a própria Academia traz e adapta a versão da forma que os brancos contam.

A partir da minha vinda para a cidade, enquanto acadêmica, eu percebi que são vários desafios, que eu não me via em lugar nenhum, enquanto mulher, enquanto mulher indígena. Enquanto mulher, já é difícil. No nosso costume, quando a gente menstrua, a gente relaxa nosso corpo, descansa. Dois dias, às vezes três dias, no máximo. Só que, a partir do momento que eu entrei para trabalhar como professora, o sistema não permite isso. Que você seja mulher, seja mãe ou seja mulher indígena ou seja mulher negra.

Parece que o sistema foi arquitetado só para um corpo masculino, um único corpo. No nosso sistema *Guarani*, no nosso sistema educacional, escolar, existe uma lei que você tem que trabalhar sobre a cultura, para reforçar a cultura. Eu começava a trabalhar na minha aula falando sobre o corpo, sobre esse ritual. Lembro que um *Guarani* falava assim: “Por que você nunca descansou?”. Porque ele sabe que, no nosso costume, a gente podia descansar o nosso corpo. E aí ele falava assim: “Por que você não parou? Você nunca faltou?”. E eu falei assim: não é questão de faltar, eu tive que vir. Primeiro, porque eu sou empregada, quer dizer, eu sou funcionária do sistema, eu não posso sangrar, eu não posso nada, quer dizer, se eu sangrar, deixa pra lá e eu tenho que continuar trabalhando assim mesmo, não importa a questão que eu acredito.

Enfim, eu tive que dar aula, continuar a dar aula. Quando eu engravidei também. Quando eu comecei a trabalhar, eu estava grávida e não queriam me contratar, porque eu estava grávida. As lideranças foram lá, brigaram e falaram: “Tem que contratar, ela vai trabalhar, ela é a única pessoa que pode fazer esse trabalho aqui”. Conseguimos quebrar esse preconceito. Não podia trabalhar porque eu estou grávida, mas eu queria trabalhar. Depois, quando eu tive filho, a comunidade nunca impediu que eu carregasse o meu filho, eu dava aula com meu filho.

Quando eu cheguei na cidade, eu fiquei muito impactada; eu não vejo as mães amparadas com os filhos, com a forma que ela é. Eu costume dizer que o nosso corpo é totalmente decepado, nosso corpo enquanto mulher. O sistema foi criado para decepar nosso corpo enquanto mulher. Enquanto mulher indígena, então, nem se fala, porque você

nem existe naquele lugar, tem que entrar num jogo do sistema. Isso é muito violento. Eu sempre costumo dizer: como é que você fala das políticas públicas, ou fala do sistema, fala da universidade, escola, onde não recebe o corpo feminino? Porque a maioria foi feita para o corpo masculino. Na verdade, para o corpo masculino e branco. Não é para qualquer masculino também.

Essa é a minha questão hoje. Eu falo muito sobre isso porque eu sei que, muitas vezes, há um questionamento sobre isso: “mas do que você está falando?”. Eu estou falando a partir do meu impacto mesmo. Esse é o impacto que eu levo. Como é que você vai ter o equilíbrio sendo que você exclui, ou seja, você violenta uma parte do corpo? Eu acho que também é uma violência contra nós. Porque muitas mães, eu vejo na cidade, correndo pra lá e pra cá, têm que chegar, buscar o filho. Porque aquelas que estudam, por exemplo, que estão na Academia, não vejo nenhuma creche onde possa amparar as mulheres com filhos, onde as crianças podem ficar.

Eu conheci uma colega que estudou comigo, que tinha que sair mais cedo e já chegava muito atrasada e toda cansada. Ela não conseguia se concentrar no trabalho, no estudo. Ela teve que sair cedo e correr de novo para pegar o filho. Como é que você vai ser saudável se você vive essa vida? Essa correria, você não repassa só pra você, também atinge o espírito dos filhos. A minha avó dizia que: “essa correria, nesse surto que a gente tem, muitas vezes, não é porque a pessoa surtou de um dia para o outro, porque esse também foi um processo, das crianças viverem assim, nessa correria com as mães”. Porque as crianças, no nosso conhecimento, também respiram o nosso respiro. Esse sentimento de respiro, dessa correria, dessa angústia, também se respira. Como é que a gente vai ser saudável nesse lugar de correria? A gente não sente mais o nosso corpo. A gente fica fora do nosso corpo e parece que só vive aquela correria. Eu, uma vez, não sentia mais o meu corpo. É onde a gente sente aquele impacto dessa correria toda.

E esse corpo-espço, exatamente o nosso corpo, a nossa identidade, ou seja, ela veste a roupa de acordo com o sistema imposto em volta. Porque, muitas vezes, a gente se culpa por algumas determinadas coisas. Você fala assim: “Poxa, por que que eu não fiz isso?”. É porque foi

imposto para você ser reconhecida dessa maneira. E aí você se questiona. Por exemplo: às vezes fico pensando e olhando os meus próprios amigos falarem pra mim: “Nossa, eu queria também seguir regras, queria descansar quando estou menstruada. Mas na minha casa ninguém fala da minha menstruação”. Teve algumas pessoas que falaram isso: “Eu tinha vergonha do meu sangue, tinha que tomar remédio pra não sangrar nunca, porque na minha casa sangue é nojeira, sangue é sujeira e ninguém sabe que isso é importante”. Mas essas são as condições do corpo-espaco, onde foi introduzido esse corpo, esse processo do seu próprio corpo. É nesse sentido que eu falo que é importante você entender esse seu corpo-espaco, pra você questionar o que que é importante pra você e o que não é importante.

Hoje eu já não menstruo mais, mas nem por isso eu parei de falar sobre a questão da menstruação, da importância da menstruação. Por quê? Porque eu sei que outras estão passando por isso. Hoje posso circular em qualquer lugar, tenho mais autonomia, mas nem por isso eu vou ficar quieta. Eu vou questionar isso. Meus filhos já são grandes, mas nem por isso vou ficar parada; vou questionar porque eu sei o quanto é difícil, o quanto foi negado, pra mim, existir enquanto mãe. Foi negado o espaco pra mim. Essa questão onde você, às vezes, é impedida de circular esse corpo-espaco; às vezes pode ser de uma forma positiva ou negativa, mas é o próprio espaco que contribuiu para ser arquitetado dessa maneira. Então, não se culpe: “será que sou eu?” – já aconteceu muito isso comigo – “será que sou eu que estou errada? Será que eu estou fazendo a coisa errada? Mas por que é assim? Só acontece comigo?”.

É exatamente isso. Por exemplo: as mulheres indígenas, de um modo geral. Na 1ª Marcha das Mulheres Indígenas, começaram o trabalho sobre “meu corpo, meu espírito”. Inclusive, o nome da marcha se chama *Meu corpo, meu espírito*. Meu corpo, meu território, meu espírito. Elas começaram a falar, exatamente, sobre essa ancestralidade. Preservar a ancestralidade e representar o futuro pros nossos filhos. Nossos filhos são o mundo. Porque o chão é o nosso caminho. A gente sabe que o nosso desequilíbrio emocional ou a questão da violência que acontece com o corpo feminino, diretamente isso pode trazer desequilíbrio ao mundo. Isso está acontecendo, e a gente sabe por que isso acontece.



Nós sabemos disso. Como a mãe que vai percebendo esse desequilíbrio, porque o nosso corpo é que está ali, imposto. É por isso que a gente sempre fala sobre essa questão de preservar.

Desde pequenininho a gente ensina os homens como pisar no chão. Porque eles têm que aprender a pisar no chão, embora o espaço deles, na verdade, não é o chão, mas ele também precisa do chão e também a gente precisa do respiro, do ar. Por isso que eu falo, usando essa metáfora, tanto o ar, tanto o chão, precisa um do outro para se equilibrar. Por isso que a gente sempre usa essa metáfora para ensinar os meninos, desde crianças, para entender o mundo onde eles pisam. Por isso que é super importante uma anciã, para nós, *txe adjaryi*, a experiência das mulheres também, principalmente as mulheres mais velhas. Não que as novas não sejam valorizadas! Geralmente, a minha avó falava muito isso: “Se você quiser falar, fala, não precisa ficar quieto, fala mesmo, a gente tem que se posicionar sempre, porque somos mães, porque quem amamentou vocês fomos nós”. Ela falava muito isso fortemente, ela batia no peito e falava mesmo. Tinha que escutar ela. Os meninos, jovens, sempre escutavam ela. Existe uma escuta harmoniosa ali. E hoje eu acredito que ainda existe essa forma de escuta, para que se equilibre entre os dois corpos, porque a gente está num corpo só também.

Eu vim de uma aldeia, e uma mulher *Guarani*, que tem essa trajetória, tem essa forma de cuidar do corpo. Eu cheguei na universidade e uma vez, já no meu mestrado, percebi que tinha uma moça que era não indígena, que se considerava branca. Ela falou que era professora de ensino médio, na época não estava recebendo o salário e fazia mestrado – trabalhava, fazia mestrado e fazia outra coisa à noite. E ela não descansava mais. Um belo dia, a gente estava começando a entrar na sala para começar as nossas aulas, ela chegou tão pálida e sentou perto da gente, toda suada e bem pequena. E eu falei pra ela assim: “Você está se sentindo bem?”. Ela falou assim: “não, é que eu não estou bem, mas eu quero beber água”. Ela bebeu água e nós entramos. Ela estava lá, eu vi que ela não estava bem.

Depois, no intervalo, a gente saiu. Pra todo mundo, no intervalo, geralmente, todo mundo se juntava, a gente pegava um café, um ou outro fumava... Era um encontro no espaço. Para todo mundo ali, é um

momento de se distrair, conversar. Ela saiu, pediu café pra outra colega e sentou, mas eu percebi que ela não estava bem, sabia que ela estava num período de menstruação. Quando ela levantou, ela caiu, desmaiou. Todo mundo se assustou, inclusive os meninos ficaram todos apavorados. Levaram ela para o médico, não aconteceu nada demais, mas ela desmaiou, estava muito cansada, estava muito exausta. Ela vinha contando como que estava no trabalho dela, que não estava recebendo salário, que estava trabalhando muito, estudando muito. Depois ela ficou quinze dias sem vir pra aula, porque ela pediu um afastamento, porque ela estava muito frágil – não frágil do corpo, o espírito já estava muito acelerado. Às vezes, o nosso corpo explode. Explode. Mas isso não é só com mulheres.

Especificamente, estou falando isso porque depois eu conversei com ela e ela falou que estava sangrando muito, que não queria vir, mas tinha que vir porque tinha que apresentar o trabalho e como no sistema dos **Juruas** isso não é considerado absolutamente nada, como é que ela ia justificar isso? Aí eu falei! Eu levantei e falei: eu quero falar! Como é que a gente estuda, fala de ciência, de conhecimento, para que a gente está estudando? A gente está estudando pra viajar no mundo do livro? Para que que isso serve? As pessoas começaram a me conhecer e falavam: “nossa, você é corajosa”. Eu falei: “ah, eu tenho que falar”. Eu não vejo ela diferente de mim. Nesse momento eu vejo ela como eu, enquanto mulher. Eu estou falando dessa experiência. Eu acho que comecei a chorar, eu entrei em crise de choro – meus amigos vieram, me abraçaram, falaram: “o que aconteceu?”. Eu vou falar. Eles falaram pra mim, os próprios, os meninos que estavam junto com a gente falaram pra mim. Então vamos falar. Vamos falar! Tinham outros parentes e não parentes, as mulheres começaram a discutir sobre isso e fizemos um encontro de fofoca. Eu lembro que a gente criou um encontro de fofoca no espaço para falar sobre isso: o que a gente pode fazer, como a gente pode se juntar para organizar alguma coisa maior a partir disso, porque a gente precisa, realmente, olhar para a outra nesse sentido.

O que nós somos em comum, independente do lugar. E vieram vários outros questionamentos e falei: e aquelas que não sangram? Que é feminina, mas não sangra? Eu também não sangro mais, mas vou falar

pelo sangue, vou estar com as mulheres que sangram, com essas mulheres que têm filhos. Eu não tenho mais filhos pequenos, mas vou estar com elas e onde elas forem, eu vou estar falando sobre isso. Por exemplo: quando se trata de aborto legal, eu vou estar lá. Uma vez falaram pra mim: “ô Sandra, você é a favor disso?”. Eu nem dei ouvidos, porque estou pela luta das mulheres. E porque não vou abortar, não significa que eu não tenho que estar lá, de frente, na luta. Eu acho que é essa a questão. Pelo menos me identifico dessa maneira. Eu sempre busco estar, eu caibo em todo lugar: aquela mulher que está lutando pela questão da legalização do aborto, a mulher que menstrua, a mulher que tem filho, a mulher que não tem filho, porque eu sei que não é fácil ter filho.

Cada um tem uma forma, mas nós, enquanto mulheres, precisamos estar juntas na luta, lutando de frente, enfrentando, compartilhando. Essa é a questão. Mas isso não significa que a gente vai fazer a mesma coisa. Não é isso. Por isso que eu falo assim, é importante a questão da trajetória, experiência e o ponto de vista de cada uma, independente da origem. Pelo menos pra mim – não estou falando que isso é uma verdade, estou falando o que eu entendo a partir disso, dessa confusão que, às vezes, rola mesmo. Eu não sei muito bem onde que estou na Academia, eu cheguei e não achei meu lugar. Não achei mulher *Guarani*, não achei mulher indígena, não achei mulher. E aí, o que chama isso? Por causa dessas coisas também que eu vejo. Eu chorei. Eu chorei muito. E quando eu assisto alguma notícia ruim sempre me afeta, meu corpo é afetado por todas essas mulheres porque sei que somos nós um único corpo, que a gente é discriminada, a gente não é aceita, não é bem vista na sociedade. Muitas das vezes, parece que nós somos o problema, não é?

Fiquei muito feliz de compartilhar as questões que me fazem pensar. A ideia era essa mesma: a gente trazer essas questões de corpo-território a partir da nossa própria reflexão.

Nascida na Terra Indígena Porto Lindo, município de Japorã (MS), em 1975, Sandra Benites é mãe, pesquisadora e ativista *Guarani*. Descendente do povo *Guarani Nhandeva*, atua como antropóloga, pesquisadora, curadora de arte e educadora. Destaca-se por suas lutas em defesa dos direitos dos povos indígenas, sobretudo da demarcação dos territórios e da educação *Guarani*.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Mariana Rotili e a editoração de Isabelle Passos. Nesta série de cadernos de Sandra Benites contamos com a especial colaboração de Karlla Giroto, Aline Bernardi, Tatiana Jardim, Taína Veríssimo e Izabel Goudart na organização, transcrição e revisão das falas do curso Corpo-Território, que originou os materiais. Agradecemos também a Daniel Grimoni pela revisão e Dalmoni Lydijusse pela ilustração.

Mais informações em [selvagemciclo.com.br](http://selvagemciclo.com.br)

## **CURSO CORPO-TERRITÓRIO**

Curadora e Professora: Sandra Benites

Idealizadora: Romina Lindemann

Participantes: Aline Bernardi, Izabel Goudart, Tatiana Jardim, Taína Veríssimo, Fernanda Cristall, Camila Durães, Gilsamara Moura, Dalmoni Lydijusse, Dasha Lavrennikova, Karlla Giroto, Carla Gamba, Julia Sá Earp, Livia Barroso de Moura, Jaya Paula Pravaz, Juliana Nardin e Lau Veríssimo.

### **KARLA GIROTTO**

É artista, professora, pesquisadora e escritora. A sua prática artística tem sido marcada por uma pluralidade de ações – performance, texto, objeto, instalação, vídeo, fotografia e, especialmente, pela criação e abertura de processos de experimentação e produção. Mestre e Doutora pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade PUC/SP no curso de Psicologia Clínica, bolsista CAPES (2013-2015) e CNPq (2019-2022).

### **ALINE BERNARDI**

Artista, pesquisadora e professora das artes do corpo e da cena, com interesse pelos trânsitos entre dança e escrita no processo de criação. Diretora Artística do Celeiro Moebius. Criadora e Proponente do Lab Corpo Palavra. Autora do Livro *Performance Decopulagem*. Mestre em Dança no Programa PPGD/UFRJ e Pós Graduada no PCA/FAV. Aperfeiçoamento em Performance através do Programa F.I.A. no c.e.m. de Lisboa. Graduada em Licenciatura Plena na FAV. Formação Técnica em Dança Contemporânea pela Escola Angel Vianna. Certificada nos Módulos Introdutório e CS1 das Técnicas de Terapia Crânio Sacro pela Upledger Brasil. Capacitação no Método Bertazzo de Reeducação do Movimento. Professora Substituta de Dança do Colégio Pedro II – Unidade Realengo II [2018- 2019], sendo fundadora e integrante da equipe do NACE - Núcleo de Artes Cênicas. Idealizadora do Site Contato Improvisação Brasil. Curadoria, artista e gestora do programa *Entre Serras: Residências Artísticas e Poéticas da Sustentabilidade*.

### **TATIANA JARDIM**

Investigadora e produtora artística e cultural. Mestre em Antropologia Visual pela Universidade Nova de Lisboa (Nova FCSH), pesquisa o feminismo descolonial, memória e patrimônio, com foco em metodologias da antropologia visual e compartilhada. Possui formação em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, pela ESPM-SP. Nascida em Santos (São Paulo, Brasil), residiu por quatro anos em Lisboa (Portugal), onde trabalhou na gestão de projetos culturais voltados ao audiovisual. Em São Paulo, trabalha com produção de eventos e agenciamento de artistas.

### **TAINÁ VERÍSSIMO**

É integrante do *Grupo Totem* desde 2004, desenvolvendo coletivamente uma linguagem cênica que parte da performance e da ritualidade, onde atua como atriz- performer, produtora e arte-educadora. Ministra, junto aos integrantes do grupo, a *Oficina Corpo Ritual*; é também pesquisadora do Acervo RecorDança desde 2010, abarcando a salvaguarda, difusão e produção de conhecimento sobre as danças pernambucanas. Investiga no corpo o diálogo entre arte, cura e espiritualidade nas artes cênicas e no audiovisual. É Pós-graduanda em Dança Educacional – CENSUPEG, formanda em Instrutora de Yoga – ANYI, Licenciada em Educação Artística / Artes Cênicas – UFPE.

### **IZABEL GOUDART**

Alquimista, artista curadora e pesquisadora de processos e metodologias de aprendizagem colaborativa em rede e de tessituras afetivas e poéticas. Graduada em Química pela UERJ (1989) foi compondo uma partitura multidisciplinar na mistura e hibridização das ciências da natureza, das artes e das tecnologias contemporâneas e ancestrais. A intimidade e conflitos de um corpo dissidente lésbico integra suas poéticas a partir da autobiografia de seu corpo e relações. Os padrões geométricos e fractais da natureza e a conexão com a ancestralidade e espiritualidade dialogam com a poética e delicadeza da vida e outras existências. A potência do coletivo encontra-se presente nas proposições de arte colaborativa. Combina várias técnicas e práticas como a fotografia, o vídeo, instalações, arte sonora, objetos e a performance para dar materialidade ao corpo de sua obra. É curadora e gestora da residência Somas. Mestre em Educação (UERJ), Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP) com pós doutorado em Mídias Interativas (UFG) e, atualmente, graduanda em Artes Visuais (UERJ).

### **DALMONI LYDIJUSSE**

Mineira, tem licenciatura em Artes Plásticas pela FAAP, bacharelado em Belas Artes pela UFMG e especialização em Arte Integrativa pela Universidade Anhembi Morumbi. Além de cursos que acompanham sua carreira, entre São Paulo, Rio, Nova York e Canadá. Desde

2003 gerencia e mantém o *Arte Ziriguidum*, ministrando aulas e cursos, promovendo diversas iniciativas com outros profissionais, realizando curadorias, oferecendo o espaço para atividades culturais, e exposições individuais e coletivas. Como artista participou de exposições individuais e coletivas.